

Jaqueline (nome fictício), de 50 anos, compartilha percepção semelhante. Ela afirma ter realizado praticamente todos os fetiches que despertaram seu interesse, inclusive experiências ligadas ao universo BDSM, mas evita comentar o assunto fora da intimidade. “O preconceito vem principalmente de outras mulheres. Muitas vezes, elas julgam antes mesmo de entender do que se trata.”

Ela destaca que aprecia elementos como contenção, amarras e jogos de submissão, mas estabelece limites claros. “Não faria práticas que provocassem lesões ou dores intensas. Também não aceitaria tudo o que aparece nos filmes”, destaca.

Ficção e realidade

É justamente essa diferença entre ficção e realidade que Michelle Sampaio considera um dos erros mais comuns entre iniciantes. “As pessoas veem uma cena pronta e esquecem que antes houve negociação, definição de limites, palavra de segurança e consentimento.” Ela reforça que BDSM não pode ser confundido com violência. “Dor com consentimento pode fazer parte de um jogo erótico. Dor sem consentimento é violência. BDSM sem consentimento deixa de ser BDSM”, alerta.

Para quem deseja conhecer esse universo, a recomendação é começar pelo autoconhecimento. “Primeiro, a pessoa precisa entender por que aquilo desperta interesse.

BDSM em 5 perguntas

O que é?

- Um conjunto de práticas que envolve Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

É violência?

- Não. O BDSM é baseado em consentimento, comunicação e respeito aos limites. Sem consentimento, trata-se de abuso.

Todo fetiche é BDSM?

- Não. Fetiches podem envolver roupas, lugares, objetos ou fantasias. O BDSM é apenas uma das possibilidades.

Como começar?

- Converse antes com o parceiro, estabeleça limites, combine uma palavra de segurança e avance aos poucos.

O BDSM acontece apenas na hora do sexo?

- Não. Embora muitas pessoas pratiquem o BDSM apenas durante momentos de intimidade, outras adotam a dinâmica como um estilo de vida, conhecido como 24/7. Nesse caso, os papéis de dominador(a) e submisso(a) podem fazer parte da rotina do casal, com regras, responsabilidades e formas de interação previamente negociadas.

Depois, conversar com o parceiro, negociar os limites e definir uma palavra de segurança. E, após a experiência, conversar novamente sobre o que funcionou ou não.”

Quando o assunto é terceira idade, o cenário ainda é marcado por silêncio. Coach de relacionamento e estudante de sexologia, Graça Yoda observa que muitos idosos sequer conseguem falar sobre aquilo de que gostam na intimidade, quanto mais sobre fetiches. “As mulheres acima dos 60 anos ainda têm muita vergonha de dizer como gostam de se relacionar. Existe um tabu enorme”, diz.

Ela explica que, em muitos casos, pessoas que iniciam um novo relacionamento depois de um divórcio ou viuvez acabam descobrindo desejos que nunca tiveram oportunidade de explorar. “Às vezes, elas experimentam novidades simples, como práticas que nunca viveram no casamento anterior. Mas BDSM ainda é um assunto muito distante para a maioria.”

Segundo Graça, o acolhimento costuma ser mais importante do que qualquer fantasia nessa fase da vida. “A terceira idade precisa de carinho, de amor e de sentir que continua desejada. A intimidade muda, mas continua sendo essencial”, destaca. Para Michelle, o melhor acessório para qualquer casal continua sendo a conversa. “Não existe técnica perfeita. Existe abertura para falar sobre desejos, respeitar limites e construir experiências juntos.”

Ministério da Cultura e Brasal apresentam
#CIRCUITODETEATROBRASILEIRO - 4ª Edição

Herson Capri
Caio Blat

MEMÓRIAS DO VINHO

Direção
Elías Andreato

De Jandira Martini e
Maurício Guilherme

Teatro Unip
25 e 26 JULHO SÁB 20h / DOM 19h30
ACESSIBILIDADE NA SESSÃO DE DOMINGO ÀS 19h30

VENDA
Symplä 

 Lei Rouanet

 Brasal

APRESENTAÇÃO

APOIO DE MÍDIA

APOIO CULTURAL

PRODUÇÃO LOCAL

PRODUÇÃO NACIONAL

REALIZAÇÃO

 CORREIO
BRAZILIENSE

 BELINI
— FANI E FANTASMA —

 DECA
PRODUÇÕES

 MESA2

MINISTÉRIO DA
CULTURA 

12